



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MARIA LUANA NUNES

**A INTERSECÇÃO ENTRE RAÇA, CLASSE E GÊNERO EM *OLHOS D'ÁGUA*, DE  
CONCEIÇÃO EVARISTO**

ITABAIANA/SE  
2024

**MARIA LUANA NUNES**

**A INTERSECÇÃO ENTRE RAÇA, CLASSE E GÊNERO EM *OLHOS D'ÁGUA*, DE  
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

ITABAIANA/SE  
2024

**MARIA LUANA NUNES**

**A INTERSECÇÃO ENTRE RAÇA, CLASSE E GÊNERO EM *OLHOS D'ÁGUA*, DE  
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

Aprovado em 21 de fevereiro de 2024.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira (UFS)

ORIENTADOR

---

Profa. Dra. Adriana Sacramento de Oliveira (UFS)

---

Prof. Dr. Jean Paul D'antony Costa Silva (UFS)

Dedico este trabalho a Deus que me fez capaz de trilhar essa jornada e as mulheres que são parte do que me tornei e conquistei.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Luzimar, que nunca mediu esforços para cuidar de mim e dos meus irmãos, dando o máximo de sua dedicação e nos permitindo sonhar com um futuro melhor através da educação. Ao meu pai, Antonio, gratidão pela assistência que nunca me negou, proporcionando condições para que eu pudesse chegar ao final desse trajeto apesar das dificuldades. Quero, ainda, agradecer a Alexandre Meneses que sempre esteve presente na minha trajetória, tornando os obstáculos menos difíceis ao ser tão prestativo em tudo que precisei. Aos demais familiares, amigas e amigos, que de alguma forma contribuíram com esse sonho, o meu muito obrigada também!

Agradeço ao grupo de pesquisa Diálogos Transversais pelo conhecimento partilhado e as conversas enriquecedoras que me ajudaram e me ajudam a crescer como pessoa e aprendiz. Agradeço a Júlia Renata e a Joseane Domingos por terem confiado em mim e me indicado para fazer parte do PIBIC, o qual me proporcionou aperfeiçoar a autonomia, a escrita e a leitura num viés científico. Júlia, especialmente, foi meu suporte dentro e fora da universidade. E por falar em mulheres que fortaleceram a minha caminhada, aproveito para expressar gratidão a professora Dra. Adriana Sacramento de Oliveira, a qual me acolheu no projeto de pesquisa e no grupo de pesquisa, mencionados anteriormente, com muito carinho e receptividade, além de ter contribuído significativamente para o desenvolvimento deste trabalho ao me apresentar caminhos literários que me levaram a leituras de autoria feminina negra. Do mesmo modo, sou grata ao clube de leitura Leia Mulheres Glória que confiou a mim o papel de mediadora de leituras que enriqueceram ainda mais a minha caminhada. De maneira especial, agradeço a minha ex-professora de Literatura Brasileira, editora-chefe da AGL (Academia Gloriense de Letras) e mediadora do Leia, Iasmim Ferreira, pelos ensinamentos e por me incentivar no exercício da escrita. Judie Maria, minha dupla de trabalhos acadêmicos, também lhe agradeço pelo que me ensinou durante o tempo que convivemos dentro e fora da universidade. Hoje, graças a essas mulheres, sou uma mulher, filha e estudante melhor.

Ao meu orientador, Professor Dr. Fábio José Santos de Oliveira, pela paciência, pelo conhecimento partilhado e por ter me instruído na construção deste trabalho de forma tão

prestativa, compreensiva e organizada: meu sincero e afetuoso agradecimento! O senhor é inspiração para mim que admiro o seu trabalho de dedicação, sensibilidade e responsabilidade. Agradeço também ao professor Dr. Jean Paul D'antony Costa Silva pelo que me ensinou durante as aulas que ministrou, especialmente por ter me apresentado a escritora Conceição Evaristo e a obra *Olhos D'água* por meio da disciplina Literatura Portuguesa IV. Seu conhecimento, profissionalismo e comprometimento com a equidade me cativam.

Agradeço ao Colégio Estadual Eduardo Silveira, situado em Itabaiana-SE, por ter confiado a mim a função de professora de reforço de Língua Portuguesa, me proporcionando aprender mais sobre licenciatura na prática e conhecer alunos e alunas que me cativaram e confiaram em mim durante essa experiência. Por fim, e não menos especial, agradeço a Universidade Federal de Sergipe e ao departamento de Letras, Campus Itabaiana, pelas oportunidades e auxílios prestados, pois foram essenciais para a realização da minha graduação em Letras.

Quando eu morder a  
palavra,  
por favor,  
não me apressem,  
quero mascar,  
rasgar entre os dentes,  
a pele, os ossos, o tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas.

Conceição Evaristo

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é observar como ficção e realidade dialogam através do discurso interseccional presente em *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo. A interseccionalidade é um método utilizado pelo feminismo, sobretudo negro, para compreender a interação e o caráter heterogêneo de experiências opressoras. À vista disso, foram observadas discussões recorrentes nas obras *Interseccionalidade*, de Carla Akotirene; *Nem Preto Nem Branco*, de Lilia Moritz; *Explosão Feminista*, de Heloisa Buarque; *Cartas Para Minha Avó* e *O Que é Lugar de Fala?* de Djamila Ribeiro; *Mulheres, Raça e Classe*, de Angela Davis; *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, de Conceição Evaristo; *Como Conversar com um fascista*, de Marcia Tiburi; e *Cultura e Representação*, de Stuart Hall. A partir dessas discussões, foi possível perceber que a intersecção entre raça, classe e gênero contida nas narrativas “Ana Davenga”, “Zaíta Esqueceu de Guardar os Brinquedos”, “Os Amores de Kimbá”, “Maria”, “Quantos Filhos Natalina Teve?” e “Beijo na Face” aponta a complexidade e não linearidade do sistema opressivo, além das simultâneas opressões que a mulher negra pode sofrer.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira Contemporânea; Conceição Evaristo; *Olhos d'água*; Interseccionalidade; Representatividade Discursiva

## ABSTRACT

The objective of this work is to observe how fiction and reality dialogue through the intersectional discourse present in *Olhos D'água*, by Conceição Evaristo. Intersectionality is a method used by feminism, especially black feminism, to understand the interaction and heterogeneous nature of oppressive experiences. In view of this, recurring discussions were observed in the works *Intersectionalidade*, by Carla Akotirene; *Nem Preto Nem Branco*, by Lilia Moritz; *Explosão Feminista*, by Heloisa Buarque; *Cartas Para Minha Avó* and *O Que é Lugar de Fala?* by Djamila Ribeiro; *Women, Race and Class*, by Angela Davis; *Black Literature: a poetics of our Afro-Brazilianness*, by Conceição Evaristo; *How to Talk to a Fascist*, by Marcia Tiburi; and *Culture and Representation*, by Stuart Hall. From these discussions, it was possible to perceive that the intersection between race, class and gender contained in the narratives “Ana Davenga”, “Zaíta Esqueceu de Guardar os Brinquedos”, “Os Amores de Kimbá”, “Maria”, “Quantos Filhos Natalina He had?” and “Beijo na Face” highlights the complexity and non-linearity of the oppressive system, in addition to the simultaneous oppressions that black women can suffer.

**Keywords:** Contemporary Brazilian Literature; Conceição Evaristo; *Olhos d'água*; Intersectionality; Discursive Representativeness

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 INTERSECCIONALIDADE DISCURSIVA E LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: REFLEXÕES ACERCA DO COTIDIANO BRASILEIRO ..</b>	<b>12</b>
<b>2 PONDERAÇÕES ACERCA DA COLETÂNEA <i>OLHOS D'ÁGUA</i> .....</b>	<b>21</b>
<b>3 A INTERSECCIONALIDADE EM <i>OLHOS D'ÁGUA</i>.....</b>	<b>26</b>
3.1 INTERSECÇÃO ENTRE RAÇA, CLASSE E GÊNERO EM “ANA DAVENGA”, “ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS” E “OS AMORES DE KIMBÁ” .....	26
3.2 A MULHER NEGRA INTERSECCIONADA POR VIOLÊNCIAS SIMULTÂNEAS NOS CONTOS “MARIA”, “QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?” E “BEIJO NA FACE” .....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa a coletânea de contos *Olhos D'água*, da escritora brasileira e afrodescendente Conceição Evaristo. Serão analisadas narrativas em que se faz presente a teoria da interseccionalidade, cunhada por Kimberlé Crenshaw em 1989 (AKOTIRENE, 2019, p. 31) e discutida por outras feministas, precipuamente negras.

Maria da Conceição Evaristo nasceu na cidade de Belo Horizonte, em 1946, é formada em Letras pela UFRJ, mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, doutora em Literatura comparada pela UFF e ex-professora da rede pública de ensino da capital Fluminense. Em entrevista concedida ao I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado na cidade de Belo Horizonte, em maio de 2009, Evaristo conta como foi sua infância e como lidou com os obstáculos advindos da realidade difícil em que esteve inserida. Mesmo com um pai biológico ausente e a escassez de recursos, sobretudo financeiros, a autora relata que sempre acreditou num futuro melhor para ela e para as pessoas negras, de comunidades e realidades marginalizadas com vivências semelhantes às dela.

A obra *Olhos D'água*, publicada em 2014, aborda questões de cunho sociopolítico que evidenciam como na interação entre raça, classe, gênero e território transparecem fracassos das políticas públicas revertidos em fracassos individuais (AKOTIRENE, 2019, p. 36). Nesse contexto, Conceição Evaristo aproxima a ficção da realidade, trazendo para a literatura

brasileira contemporânea um discurso interseccional atravessado por experiências que não representam somente a autora, mas todos os que vivenciam as desigualdades cotidianamente.

À vista disso, será observado neste trabalho como se dá o diálogo entre ficção e realidade através da intersecção entre raça, classe e gênero que se apresenta na literatura de *Olhos D'água*, especialmente nas narrativas “Ana Davenga”, “Záíta Esqueceu de Guardar os Brinquedos” e “Os Amores de Kimbá”. Também se observará como a mulher negra é interseccionada por violências simultâneas nos contos “Maria”, “Quantos Filhos Natalina Teve?” e “Beijo Na Face”.

Desconstruir perspectivas universalistas é uma das propostas do feminismo negro, o qual visa, por meio da teoria da interseccionalidade, evidenciar a manutenção do modelo de sociedade colonial. De acordo com Carla Akotirene (2019, p. 54), colonizadores racistas são pioneiros no uso da sobreposição de estruturas para esquemas hierárquicos étnicos, raciais e de gênero.

Dessa maneira, o que se pretende evidenciar neste texto é o protagonismo discursivo afrodescendente através da escrita de uma mulher negra e ex-moradora de favela, a qual afirma um contradiscurso à literatura produzida pela cultura hegemônica com narrativas pautadas pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira contemporânea (EVARISTO, 1996, p. 27).

A escolha pela leitura de obras de autoria feminina negra, como *Olhos D'água*, possibilitou que a teoria da interseccionalidade fosse entendida sob um viés de explicação referente a perspectivas inclusivas. Nesse sentido, as narrativas de âmago interseccional de Conceição Evaristo se mostraram um meio propício para se observarem questões sociais, culturais e políticas.

Por meio da literatura brasileira afrodescendente, o caráter heterogêneo dos grupos sociais é posto em debate, bem como a realidade de mulheres negras que ainda “ocupam os piores empregos, recebem os piores salários e são submetidas às piores condições de saúde no Brasil” (HOLLANDA, 2020, p. 181), o que torna possível considerar que a literatura é um meio de levantar reflexões sobre perspectivas críticas e inclusivas.

Para serem mais bem compreendidas as questões apresentadas, este trabalho foi sistematizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, se discute o antagonismo discursivo entre as perspectivas de caráter interseccionais e as perspectivas de caráter universalistas, além das questões que contradizem a ideia de democracia e harmonia racial pregadas na sociedade brasileira. No segundo capítulo, são feitas algumas ponderações acerca do objeto de pesquisa deste trabalho, a coletânea *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo. No terceiro capítulo, serão realizadas análises e discussões acerca do *corpus* de pesquisa.

As discussões realizadas nas obras *Interseccionalidade*, de Carla Akotirene, *Nem Preto Nem Branco*, de Lília Moritz, *Explosão Feminista*, de Heloísa Buarque, *Cartas Para Minha Avó* e *O Que é Lugar de Fala?*, de Djamila Ribeiro, *Mulheres, Raça e Classe*, de Angela Davis, *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, de Conceição Evaristo, *Como Conversar com um fascista*, de Marcia Tiburi, e *Cultura e Representação*, de Stuart Hall, serviram de aparato teórico para o desenvolvimento deste trabalho.

## 1 INTERSECCIONALIDADE DISCURSIVA E LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: REFLEXÕES ACERCA DO COTIDIANO BRASILEIRO

Algumas reflexões acerca do cotidiano brasileiro e do caráter reducionista e polissêmico empregado ao termo democracia são levantadas pela literatura brasileira contemporânea, sobretudo afrodescendente, que, ao adotar perspectivas de base interseccional, “vem se constituindo como forma de interpelar as hierarquias de opressões presentes” (HOLLANDA, 2018, p. 230), em oposição a discursos de perspectivas universalistas, comungando da ideia de que:

É o padrão colonial moderno o responsável pela promoção dos racismos e sexismos institucionais contra identidades produzidas durante a interação das estruturas, que seguem atravessando os expedientes do Direito moderno, discriminadas à dignidade humana e às leis antidiscriminação. (AKOTIRENE, 2019, p. 35)

Para entender o denominado “colonialismo moderno”, termo recorrentemente usado por feministas contemporâneas, especialmente negras, é importante recapitular de antemão alguns fatores sociopolíticos presentes na Literatura Brasileira de dois momentos da história: a tentativa de se criar uma imagem brasileira harmônica e de identidade singular nos períodos conhecidos por Romantismo e Modernismo. Nesse sentido, observa-se em narrativas romancistas e modernistas a presença mítica do indígena como tentativa de representação da identidade brasileira (SCHWARCZ, 2012); representação esta que, de acordo com Stuart Hall (2016, p. 31), é o significado atribuído a signos (palavras, imagens, objetos), signos e significantes que nos são apresentados por meio da linguagem escrita, oral, visual, material, dentre outros.

No Romantismo, o indígena é idealizado como herói nacional, um ser puro, selvagem e valente; a indígena, descrita como o estereótipo de mulher virgem, materna e bela, como se nota respectivamente em *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865). No Modernismo, por sua vez, a tentativa de se criar uma identidade nacional pode ser percebida na figura de Macunaíma, herói malandro, exótico e nascido numa tribo indígena.

Stuart Hall (2016, p. 26-27) afirma que existem diferenças e semelhanças entre as abordagens discursivas e a semiótica. Uma delas é a de que a abordagem semiótica se atenta em como a representação e a linguagem produzem sentido, enquanto a abordagem discursiva foca nos efeitos e consequências da representação, “isto é, na política”. Vê-se, dessa forma, como os sentidos construídos a partir da representação introduzida na figura de Peri, Iracema e Macunaíma operam na constituição de pensamentos universalizantes, uma vez que o discurso

tem consequências políticas, tanto na manutenção da ordem discursiva, quanto no fomento da vontade de verdade, que, “apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 2004, p. 8).

Nessa perspectiva, nota-se que a imagem dos povos nativos se torna representação de um modelo predeterminado de sociedade, na qual a pluralidade cultural é reduzida a uma idealização do indígena, sendo desconsideradas outras representatividades dos divergentes povos que habitavam as terras brasileiras antes e depois da invasão dos europeus, bem como é negligenciada a heterogeneidade das próprias comunidades nativas:

O próprio discurso da identidade é fruto dessa ambiguidade que envolve concepções privadas e cenas públicas, na qual noções como povo e passado constituem elementos essenciais para a elaboração de uma nacionalidade imaginada. Nesse sentido, a narrativa oficial se serve de elementos disponíveis, como a história, a tradição, rituais formalistas e aparatosos, e por fim seleciona e idealiza um povo que se constitui a partir da supressão das pluralidades. (SCHWARCZ, 2012, p. 47)

Concepções privadas seriam as que se encontram em meios de disseminação de ideias, como os livros, a mídia, dentre outros, enquanto cenas públicas seriam realidades que não são registradas em certos meios comunicativos. Dessa contradição decorrem noções de uma realidade imaginada, porque não contempla, por exemplo, desafios da comunidade afrodescendente na sociedade brasileira. Desse modo, Lília Moritz Schwarcz introduz suas críticas a narrativas em que a pluralidade dos povos que habitavam no Brasil é reduzida a uma perspectiva universalista da cultura brasileira.

A ideia de harmonia persiste, desse modo, no cenário híbrido e atual das culturas brasileiras, potencializando o discurso de perspectiva universalista que desconsidera as realidades plurais do cotidiano brasileiro, no qual “discriminação é particular, pois não aparece nos discursos oficiais. É específica, porque se afirma no privado, talvez como categoria nativa, neutralizada pelo costume” (SCHWARCZ, 2012, p. 109).

“Costume” pode ser entendido atualmente como o que Marcia Tiburi (2015, p. 34) chama de “falar por falar”. Repetir o que se diz na televisão e nos meios de comunicação. “Ficar muito tempo ouvindo a mesma coisa para dizê-la de qualquer jeito”, num processo contínuo de assujeitamento através da manipulação da realidade. Essa conformação das relações sociais modernas tem gerado novos debates, trazendo à tona a oposição de duas perspectivas discursivas: a perspectiva da realidade como universal e a perspectiva de caráter heterogêneo

que afirma ser aquela a negligência da pluralidade de identidades e realidades oprimidas, despercebidas no cotidiano violento da sociedade brasileira:

O padrão colonial ora elege as mulheres negras como dirigentes do tráfico de drogas, ora homicidas de companheiros violentos, quando não, pactuam com as coações impostas por filhos e maridos encarcerados para que transportem drogas até o sistema prisional, numa faceta hedionda punitivista das mulheres negras. (AKOTIRENE, 2019, p. 36)

O padrão colonial, que tem como parâmetro punitivo as distinções de raça, classe e gênero, reforça imagens estereotipadas de mulheres negras como perigosas ou raivosas, principalmente aquelas que moram em lugares marginalizados pelo sistema. Esses ideais hierárquicos indicam que a mulher negra não se beneficia da luta universal feminista, porque as desigualdades de gênero impostas a elas são atravessadas pelo racismo e, muitas vezes, pela opressão de classe.

A perspectiva universalista, por esse ângulo, seria aquela que não leva em consideração a interseccionalidade de lutas, mantendo a lógica da hierarquia ao pregar a “harmonia racial” e ignorar outras opressões que também contribuem para a manutenção da pobreza, da misoginia, da exclusão e, por consequência, do próprio racismo. Em vista disso, “no imaginário de não brasileiros e de brasileiros, o Brasil é transformado há muito naquilo que ele não é” (TIBURI, 2015, p. 140), e a negligência da realidade cotidiana pode ser entendida como uma forma moderna de colonização:

O desafio político é rejeitar quaisquer expectativas literárias elitistas, jargões acadêmicos, escrita complexa na terceira pessoa e abstrações científicas paradoxais sob a sombra iluminista eurocêntrica, míope à gramática ancestral de África e diáspora. Do meu ponto de vista, é imperativo aos ativismos, incluindo o teórico, conceber a existência duma matriz colonial moderna cujas relações de poder são imbricadas em múltiplas estruturas dinâmicas, sendo todas merecedoras de atenção política. (AKOTIRENE, 2019, p. 14)

É possível entender esse desafio político como a necessidade de ser lançado um olhar crítico às relações de poder em todos os âmbitos sociopolíticos, sem deixar passar despercebidas as modernas, mas não novas, práticas opressoras que estão ligadas ao colonialismo.

Por interseccionalidade, entende-se neste trabalho o que autoras negras, a exemplo de Carla Akotirene e Grada Kilomba, afirmam ser a interação entre dois ou mais fatores sociais que afetam questões de identidade – gênero, etnia, raça, localização geográfica ou mesmo idade

– não separadamente, o que denota uma narrativa teórica na qual letamentos ancestrais evidenciam a relação entre as diferenças. (AKOTIRENE, 2019, p. 30).

Dessa maneira, desinteressada nas diferenças identificadas, a interseccionalidade, proposta por feministas negras, tem interesse em analisar as desigualdades impostas pela matriz de opressão, notando, por exemplo, que:

Praticamente metade da população classificada sob o termo parda encontra-se na região Nordeste (49,8%), sendo a fração correspondente à branca de apenas 15,1%. Por outro lado, nas áreas do Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) e do Sul encontram-se 64,9% da população branca e somente 22,4% da população parda. Essa divisão desigual é, por sua vez, um dos elementos que explicam a difícil mobilidade ascendente dos não brancos, obstaculizada pela sua concentração nos locais geográficos menos dinâmicos: nas áreas rurais em oposição às cidades e, dentro das cidades, em bairros mais periféricos. (SCHWARCZ, 2012, p. 88)

Os dados apresentados por Schwarcz sobre a difícil mobilidade de ascendência dos não brancos indicam que as consequências da segregação ressoam até os dias atuais, já que, numa lógica hierárquica colonial, os locais mais dinâmicos são ocupados pelos que detêm poder político e econômico, como os reis e as rainhas de Portugal no colonialismo do início do séc. XIX. Seguindo essa lógica, a pesquisa exposta aponta a persistência das desigualdades sociais que mantém maior parte dos não brancos em espaços menos dinâmicos.

Um país (Brasil) construído sobre práticas de escravidão e rotas traçadas a partir dos quatro cantos do globo tende a apresentar resultados híbridos e trajetórias que são tudo, menos puras. Há sempre o receio de que esse resultado seja apenas uma “imitação barata” dos colonizadores (HALL, 2003, p. 31): exploração de trabalho, padrões limitantes e excludentes, discursos contraditórios à realidade, dignos de um olhar crítico.

As modernas práticas coloniais, no que lhes concerne, atuam por meio da controversa obtenção de poder, liberdade e igualdade ocasionada pela escuta realizada num contexto de “manutenção da censura” (FOUCAULT, 2004, p. 6). Essa “escuta” é a mesma que, segundo o discurso de perspectiva interseccional, oculta o cruzamento de opressões entre raça, gênero e classe, resultado da “inseparabilidade do cisheteropatriarcado<sup>1</sup> racismo e capitalismo, localizada no arcabouço teórico feminista negro” (AKOTIRENE, 2019, p. 31):

---

<sup>1</sup> O patriarcado é um sistema político modelador da cultura e dominação masculina, especialmente contra as mulheres. É reforçado pela religião e família nuclear que impõem papéis de gênero desde a infância, baseados em identidades binárias, informadas pela noção de homem e mulher biológicos, sendo as pessoas cisgêneras aquelas não cabíveis, necessariamente, nas masculinidades e feminilidades duais hegemônicas. A despeito do gênero atribuído socialmente, pessoas não-cis estão fora da identificação estética, corpórea e morfo-anatômicas instituídas. Cf. AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. 2019.

Não por acaso, Sojourner Truth, nascida acorrentada ao escravismo, vendida em leilão aos nove anos de idade, junto ao gado, tornou-se pioneira do feminismo negro. Em discurso de improviso *Eu não sou uma mulher?* proferido em 1851, durante a Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, em Akron, ela denunciou que “ninguém nunca me ajudou a subir nas carruagens, nem pular poças de lama [...], eu tive treze filhos e vi a maioria ser vendida para escravização”. Nestes fragmentos, a intelectual pioneiramente articula raça, classe e gênero, questionando a categoria mulher universal, mostrando que se a maternagem obrigatória revela um destino biológico para todas as mulheres, seria apropriado ressaltar que os filhos e as filhas das africanas eram vendidos e escravizados. (AKOTIRENE, 2019, p. 17)

A articulação dos fatores raça, classe e gênero exposta por Truth elucidada e fundamenta o discurso feminista negro, o qual questiona posicionamentos do feminismo universalista, que, por exemplo, luta pela igualdade de gênero sem considerar que mulheres negras podem ser interseccionadas por outras opressões.

Em consenso com Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro (2017, p. 16) afirma que “quem possui o privilégio social possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco”. Em resposta ao sistema de manutenção da lógica hierárquica, essas e outras feministas negras, a exemplo de Conceição Evaristo, têm levantado questões que colocam o racismo como marcador de desigualdades, reafirmando a existência de uma literatura afro-brasileira que apresenta um discurso em que, ao erigir as suas personagens e histórias, “o faz diferentemente do previsível pela literatura canônica, veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico” (EVARISTO, 1996, p. 19).

A literatura e o cotidiano brasileiro, dessa maneira, traçam diálogos procedentes quando comparadas narrativas da ficção e da realidade. O texto literário se mostra também um meio pelo qual é discutida a desvalorização do gênero feminino nas antigas e novas configurações sociais, inclusive no mercado de trabalho, em que “a separação estrutural entre a economia pública do capitalismo e a privada economia do lar tem sido reforçada pelo primitivismo obstinado do trabalho doméstico” (DAVIS, 2016, p. 231).

Propostas epistemológicas de práticas “decoloniais” têm sido expostas por meio da literatura contemporânea, sobretudo de autoria feminina negra, trazendo à tona a desarmonia das diferenças num contexto de hierarquização de opressões. Em *Cartas para Minha Avó* (2021), Djamila Ribeiro fala sobre experiências de racismo, machismo e desigualdade social que vivenciou na infância e adolescência. As vivências de Djamila dialogam, nesse contexto, com as “escrevivências”<sup>2</sup> de Evaristo, uma vez que ambas abordam narrativas que expõem

---

<sup>2</sup> Segundo Evaristo, a escrevivência “era um jogo que eu fazia entre a palavra ‘escrever’ e ‘viver’, ‘se ver’ e culmina com a palavra ‘escrevivência’”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em

adversidades dentro das próprias comunidades e a interação de opressões que geralmente tem como alvo principal o gênero feminino de cor mais escura e classe social baixa, refletindo no que Akotirene (2019, p. 15) afirma ser, em diálogo com a reflexão de Patricia Hill Collins, fundamento teórico-metodológico da interseccionalidade (“sistema de opressão interligado”):

A interseccionalidade permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem. Eu não posso falar da perseguição do homem africano aos homossexuais e às lésbicas no território sem utilizar aporte interseccional na identificação dos norteamentos evangélicos, heterossexistas, propalados pela Europa [...]. (AKOTIRENE, 2019, p. 24)

Em *Cartas para Minha Avó* (2021), Djamilia revisita o passado escrevendo memórias que, quando comparadas às narrativas interseccionais expostas por Evaristo em *Olhos D'água* (2014), parecem atuais:

Essa imagem da mulher negra forte é muito cruel. As pessoas esquecem de que não somos naturalmente fortes. Precisamos ser porque o Estado é omissivo e violento. Restituir a humanidade também é assumir fragilidades e dores próprias da condição humana. (RIBEIRO, 2021, p. 15)

É notável, neste aspecto, que as autoras utilizam estratégias discursivas e estéticas na construção de literaturas que tentam espelhar a realidade, ainda que de maneira fictícia, como é o caso das narrativas de Evaristo: “entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (EVARISTO, 2017, p. 5).

Por esse viés, tanto narrativas teóricas quanto literárias contemporâneas têm discutido a incoerência de um contexto dito democrático que se encontra “numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família” (DELEUZE, 2000, p. 1). O discurso universalista, nesse cenário, sob a ótica discursiva interseccional, tem generalizado experiências, o que torna a luta por igualdade um mecanismo de silenciamento das minorias que sofrem as consequências da marginalização cotidiana.

Segundo Ângela Davis (2016, p. 17), o sistema escravista definia o provo negro como propriedade. Sob a condição de proprietários das pessoas negras, os escravistas os mantiveram em situações precárias de trabalho, sendo a mulher violentada multiplamente nesse contexto

---

escrivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente [...]” Trecho de entrevista disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso: 18/07/2023.

violento que atravessava gênero, classe e raça. A postura dos senhores em relação às escravas era regida por conveniência:

Quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero, mas, quando podiam ser explicadas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (DAVIS, 2016, p. 19).

Á vista disso, é importante ressaltar que, de acordo com Deleuze (2000, p. 1), as sociedades disciplinares deram lugar às sociedades do controle. O termo “controle”, nesse contexto, é analisado por Paul Virilio como formas ultrarrápidas de monitorização ao ar livre. Dessa forma, os novos vieses de dominação operam num sistema aparentemente aberto, que exerce a manipulação através das ideias de “livre arbítrio” e “lugar comum”, intensificadas pelos meios digitais. Por essa razão, Djamila Ribeiro acredita que:

Não é possível fazer um debate amplo sobre um projeto de sociedade sem enfrentar o modo pelo qual certas identidades são criadas dentro da lógica colonial. Acusar-nos de “aficionados por políticas identitárias” é um argumento falacioso, isto é, quando se quer como dado aquilo que se deseja provar, pois o objetivo principal ao confrontarmos a norma não é meramente falar de identidades, mas desvelar o uso que as instituições fazem das identidades para oprimir ou privilegiar. O que se quer com esse debate, fundamentalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades. Logo, não é uma política reducionista, mas atenta-se para o fato de que as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimento de outros. (RIBEIRO, 2017, p. 19-20)

Dialogando com a perspectiva interseccional e a favor da “ideia-chave” da diáspora, Paul Gilroy (2001, p. 25) afirma que é importante “não ver a raça, e sim formas geopolíticas e geo-culturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem”. Gilroy (2001, p. 24), além disso, aponta três principais confrontos enfrentados pela luta antirracista: a representação do corpo humano como “respiratório fundamental da ordem da verdade racial”, “a ideia de cultura em si” e o padrão de desejos e ódio que, segundo Freud, é “narcisismo das menores diferenças”. Seriam estes confrontos, seguindo a lógica apresentada pelo autor, que fortalecem o antagonismo discursivo pós-colonial.

Lilia Moritz Schwarcz, por esse ângulo, faz a seguinte reflexão acerca do que ela chama de “sistema brasileiro de marcação de diferenças”:

No lugar das definições precisas, no país usa-se muito mais a cor do que conceitos como raça quando é preciso identificar a pessoa alheia ou a si próprio. Na verdade,

cor no Brasil é quase um vocabulário interno, com espaço para muitas derivações sociais. Como determinar a cor se, aqui, não se fica para sempre negro, e se “embranquece” por dinheiro ou se empretece por queda social? Ainda mais: como falar de raça se as pessoas mudam a definição sobre si mesmas dependendo das circunstâncias, do momento e do contexto? (SCHWARCZ, 2012, p. 95)

Diante dessas discussões num contexto comunicativo complexo e global, no qual a luta por igualdade de raça, classe e gênero conflitua com perspectivas universalistas, é importante reconhecer que a inserção de novos discursos de base interseccional e novos modelos de pensamentos propostos por feministas negras geraram percepções distintas e tornaram visíveis “novas personagens e narrativas que há muito não apareciam na história, nos discursos e na produção dos saberes” (SCHWARCZ *apud* HOLLANDA, 2018, p. 232):

Com bem menos visibilidade, existe, no interior mesmo da literatura brasileira, uma gama de produções que vêm se afirmando, aos poucos, como um discurso diferenciado ao compor personagens negras e seus enredos. Discurso que subverte não só o sistema literário brasileiro, mas também contesta a história brasileira que prima em ignorar eventos relativos à trajetória dos africanos e seus descendentes no Brasil. (EVARISTO, 1996, p. 24)

Tendo em vista essas questões, Tiburi (2015) aponta como fundamental o entendimento do conceito de democracia, visto que “um dos traços da cultura de hoje em dia é a proliferação dos textos, das ideias e das opiniões” de indivíduos que falam muito e pensam pouco no que dizem, em decorrência do comodismo de absorverem tudo o que ouvem ou leem, sem fomentarem o desejo da reflexão.

Nesse contexto, a democracia apresenta um caráter polissêmico, uma vez que variados sentidos são extraídos desse termo: ora surge como modelo estabelecido, ora aparenta parcialmente presente ou totalmente extinto (TIBURI, 2015). A metodologia interseccional, adotada pelo discurso de perspectiva heterogênea, nessa circunstância, dialoga com um significado de democracia participativa que, segundo o entendimento de Collins, está engajada na liberdade, equidade e justiça social (AKOTIRENE, 2019).

A representação desses discursos se apresenta no âmbito da literatura por meio de narrativas construídas, sobretudo, por intelectuais negras, que, ao adotar perspectivas interseccionais, evidenciam a interação de opressões, bem como a diversidade cultural e os desafios enfrentados pela diáspora na sociedade brasileira. Essas narrativas consolidam, ademais, o caráter sócio-político da arte literária que atravessa uma textualidade afro-brasileira, na qual:

Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das

heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral. (EVARISTO, 1996, p. 19-20)

A interação entre literatura e realidade do cotidiano brasileiro, em narrativas de caráter interseccional, como as que estão presentes na coletânea de contos *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo, contradiz estereótipos atribuídos à mulher negra em literaturas universalistas, sobretudo aquelas que constroem uma identidade brasileira em que as(os) afrodescendentes não aparecem nas narrativas ou, quando aparecem, “mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência” (EVARISTO, 1996, p. 23).

## 2 PONDERAÇÕES ACERCA DA COLETÂNEA *OLHOS D'ÁGUA*

A coletânea de contos *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo, originalmente publicada na série cadernos negros, em 2014, foi finalista do Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas” e é composta por 15 contos ambientados nas favelas e ruas (EVARISTO, 2014, p. 24). No prefácio da obra, Heloisa Toller Gomes afirma que os contos de Evaristo são protagonizados por mulheres e homens, havendo múltiplas personalidades e questões no desenvolver das narrativas. A respeito das personagens femininas, Jurema Werneck aponta na introdução da coletânea que:

Pode se ver a mulher destituída, vivendo o limite do ser-que-não-pode-ser, inferiorizada, apequenada, violentada. Pode-se ver também aquela que nada, buscando formas de surfar na correnteza. A que inventa jeitos de sobrevivência, para si, para a família, para a comunidade. Pode-se ver a que é derrotada, expurgada. (WERNECK, p. 13 *apud* EVARISTO, 2014)

No conto “Ana Davenga” é possível observar como a figura feminina, representada na personagem Ana Davenga, é destituída de liberdade e reduzida à imagem masculina. Os atos do marido, Davenga, envolvido com crimes, colocam Ana na linha tênue da vida e da morte.

De maneira análoga, a personagem Maria, do conto “Maria”, mulher negra e empregada doméstica, é responsabilizada e inferiorizada pelos atos do ex-companheiro, também ligado a crimes, sendo vítima de xingamentos racistas e sexistas de um rapaz negro que mobilizou pessoas para a concretização da morte da protagonista. Nesse aspecto, vê-se que:

A violência que culmina na morte de Maria é reflexo da violência contra as mulheres que, por serem consideradas psicologicamente frágeis, são mais propensas a agressões, sendo bodes expiatórios da ação humana. São ainda, tratadas como seres subalternos, sem expressão e sem voz. E, no caso do assassinato de Maria, isso fica explícito. Sua voz e sua tentativa de dizer que não fazia parte da dupla de assaltantes foram abafadas, não foram sequer consideradas, lembrando o período colonial em que as mulheres- especialmente as negras - não tinham a possibilidade de fala. (IENSTERSEIFER; PORTO *apud* CRUZ, 2020, p. 80)

A história da personagem Natalina reforça, nessa perspectiva, as consequências de ideologias que colocam o gênero feminino em situação de vulnerabilidade devido às desigualdades de gênero e classe. A narrativa “Quantos Filhos Natalina Teve” se trata, a propósito, de infância interrompida, do corpo feminino como um espaço de exploração e objeto de procriação (ALEMÃO; RODRIGUES, 2018, p. 136).

Em “Beijo na Face”, a personagem Salinda se mantém num relacionamento por medo das consequências do rompimento matrimonial. Ameaçar tirar os filhos, a vida de Salinda ou

até mesmo a própria vida, deixando uma carta culpando-a, foi a forma que o parceiro de Salinda encontrou de mantê-la sob condições opressoras. De acordo com Marlei Castro Tondo:

Conceição Evaristo aborda neste conto a violência psicológica. É por meio da ameaça, da vigilância constante e principalmente da chantagem emocional que a personagem Salinda narra sua relação conjugal. O conto também aborda o tema da homoafetividade, amor entre iguais, demonstrando a pluralidade de temas revisitados na obra da escritora. (TONDO, 2018, p. 77)

A personagem Luamanda, “como as fases da lua, que dá origem ao seu nome” (TONDO, 2018, p. 82), vivencia diferentes experiências amorosas, se relacionando em diferentes fases da vida com pessoas dos gêneros masculino e feminino. Além do mais, sobre a violência tratada no conto, Tondo afirma que:

O episódio de violência do conto se dá no relato da mulher ao descrever um relacionamento com um homem violento e possessivo, que não aceitava o fim da relação. A violência física contra Luamanda demonstra a força masculina em relação à fragilidade feminina. (TONDO, 2018, p. 85)

O conto “Dudu-Querença” versa sobre sonhos que são interrompidos e realidades de exploração sexual que o gênero feminino de classe social desfavorecida sofre, bem como a indiferença para com os que estão à margem da sociedade:

No caso de Duzu, mulher, pobre, negra, prostituída, seu corpo serve tão somente à satisfação do desejo frequentemente associado às práticas violentas. O fim da saga de mulheres como Duzu – inseridas nos mais distantes círculos concêntricos da sociedade, ou seja, na periferia – resulta da perda dos atrativos físicos, das várias gestações que se sucedem até o fundo do poço, da exclusão para os pontos remotos da cidade, onde vai continuar o pouco que lhe resta da existência na mais amarga miséria econômica e social. (TONDO, 2018, p. 64)

A personagem Cida, em “O Cooper de Cida”, vive no automatismo, sempre atendendo a demandas que não estão voltadas para si. A respeito disso, Lana Jakabson Lavezzo e Eloisa da Rosa Oliveira (2020, p. 8) afirmam que “a violência simbólica, por meio do sistema social, faz a mulher representada no conto se dedicar única e exclusivamente ao autodesempenho, como se sua vida fosse apenas uma urgência em fazer, e fazer rápido, numa busca por produtividade constante”.

O protagonismo masculino também se dá por meio de experiências plurais na coletânea de *Olhos D'água*. Segundo Werneck, “são homens perdidos, herdeiros de mães sem nome, herança que as mulheres deixaram e que ninguém quis receber”. As histórias são de morte e

machucados, insistem em dizer o que tantos não querem dizer (WERNECK, p. 14 *apud* EVARISTO, 2014 ).

Na narrativa “Di Lixão”, o protagonista, que tem o mesmo nome do conto, é um adolescente de 15 anos e, além de órfão e vulnerável socioeconomicamente, carrega traumas e ressentimento pela mãe. Segundo a perspectiva de Suelen Tavares Alemão e Adriana Cristina Aguiar Rodrigues (2018, p. 138), “as dores de Di Lixão se misturam, doem física e emocionalmente. A cada dor sentida no seu corpo, a memória adiciona outras dores: a dor de ser abandonado e maltratado pela mãe, a dor do amigo que fugiu e da morte solitária”.

Lumbiá, que também tem o mesmo nome da narrativa, se depara com diversas formas de amor ao vender flores. Por meio desse enredo, Evaristo mostra que toda forma de afeto é complexa e singular, como o amor de Lumbiá pela imagem do menino Jesus. É perceptível, nesse aspecto, que Evaristo “narra a cultura e a sociedade das quais faz parte por meio do jogo linguístico-literário no conto ‘Lumbiá’. Tal recurso é notado pela ambiguidade e também pela junção e pelo imbricamento da cultura cristã com a afro-brasileira” (PASSOS, 2020, p. 54).

Em “Os Amores de Kimbá”, a questão existencial se faz evidente, posto que, atormentado pelas diferenças de sentimentos que sentiu em relação aos amigos do gênero feminino e masculino, Kimbá dá fim à angústia através de um suicídio, muito pelo fato de o protagonista transitar entre espaços antagônicos, colocando em xeque a própria identidade (PINTO; LIEBIG, 2023, p. 5).

O conto “Ei, Ardoca” retrata a questão da solidão, que, somada à indiferença da sociedade, também termina com o suicídio do personagem Ardoca. Dessa maneira, é possível afirmar que, na escrita de Evaristo, encontra-se “um turbilhão de questões sociais e existenciais”, como afirma Heloisa Toller Gomes no prefácio da coletânea *Olhos D’água*.

Levando em consideração a perspectiva de Alemão e Rodrigues (2018, p. 128), sobre espaços sociais serem originalmente construídos sob condições de desigualdade, injustiça e preconceito, é notável que as narrativas “Zaíta Esqueceu de Guardar os Brinquedos” e “A Gente Combinamos de não Morrer” representam a luta por sobrevivência diária e dias incertos de quem vive em lugares marginalizados e marcados pelas desigualdades e violência cotidiana.

“Zaíta Esqueceu de Guardar os Brinquedos” conta a história de mulheres e homens de idades distintas que vivem em favelas, expostos à violência. Todo o enredo se desenvolve em torno das consequências de atos violentos: inicia com Zaíta e a irmã, Naíta, preocupadas em guardar os brinquedos para não despertar a fúria da mãe, e finaliza com a morte de Zaíta, que sai às ruas para procurar um brinquedo. Segundo Bárbara Duarte Baioco e Fabrícia Bittencourt Pazinato Vago, o desfecho da obra pode despertar:

A angústia gerada pela impressão de que o fato poderia ter sido evitado e não é aliviada com a lembrança de se tratar de um conto de ficção, uma vez que este espelha a realidade cotidiana de muitas comunidades periféricas no Brasil. Na verdade, ressalta o oposto: o quanto a nossa indignação coletiva parece ser pouco ruidosa frente ao horror de um Estado omissivo que deixa e/ou faz crianças morrerem. (BAIOCO; VAGO, ANO, p. 13)

“A Gente Combinamos de não Morrer” é uma narrativa que retrata a luta por sobrevivência em meio à violência significativa das favelas. O pacto de não morrer simboliza a resistência de pessoas que se encontram vulneráveis e à margem de um sistema sociopolítico desigual. Nesse conto, mais uma questão social é exposta por Evaristo:

Eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer é a representação icônica da herança colonial e das distorções sociais que implementaram desigualdades na sociedade brasileira. É a síntese do confronto, da transgressão, da desobediência, sobretudo, neste contexto em que vivemos um movimento de restauração das estruturas reacionárias no panorama das políticas nacionais e que assistimos à implementação de estratégias de regulações sociais autoritárias e violentas. (OLIVEIRA, 2020, p. 2)

A narrativa “Ayoluwa, a alegria do nosso povo”, que fecha a coletânea, reforça a narrativa introdutória, “Olhos D’água”, na medida em que reafirma os valores ancestrais representados na criança recém nascida, apresentando um discurso literário em que a narração em primeira pessoa revela que “na literatura negra há determinação do narrador em desvencilhar-se do anonimato e da ‘invisibilidade’ a que o relegou sua condição de descendente de escravos ou de ex-escravos” (NASCIMENTO, 2009, p. 89).

No conto “Olhos D’água”, é possível observar como, através da angústia apresentada pela personagem narradora, por não lembrar a cor dos olhos da mãe, o discurso feminista negro vai adentrando ao enredo, ora reafirmando a importância da ancestralidade, ora denunciando a condição da mulher negra numa sociedade desigual que configura realidades do passado e do presente. Em razão disso, Conceição Evaristo afirma não estar desvencilhado determinado discurso literário afro-brasileiro das pontuações ideológicas do Movimento Negro. A busca da narradora pela lembrança da cor dos olhos da mãe pode ser entendida, ainda, como uma forma metafórica de Evaristo abordar a questão da ancestralidade africana, visto que o resgate das memórias da infância pela personagem narradora representam raízes familiares que “se confundem com as raízes do próprio Brasil e da África, o que em certa medida põe em evidência a importância da mulher negra e da descendência africana na formação da cultura nacional” (ANDRADE, 2018, p. 8-9 *apud* CRUZ, 2020, p. 57).

É notável, dessa forma, que *Olhos D'água* trata sobre temáticas diversas, apontando os desafios enfrentados pela comunidade afrodescendente na sociedade brasileira e a complexidade e pluralidade das experiências coletivas e individuais. Além disso, é uma obra que não está desvinculada dos ideais do movimento negro, porque apresenta um protagonismo afro-brasileiro como centro de uma descendência e um discurso feminista negro identificado por meio da Interseccionalidade. No capítulo que sucede, será discutido como Evaristo, através de ficções que dialogam com a realidade, insere a articulação dos fatores raça, classe e gênero na obra.

### 3 A INTERSECCIONALIDADE EM *OLHOS D'ÁGUA*

Neste capítulo, será discutido como Conceição Evaristo cria um diálogo entre realidade e ficção em *Olhos D'água*, construindo sentidos sob um eixo interseccional que se apresenta como contradiscurso a narrativas de caráter hegemônico, além de proporcionar que o público leitor reflita acerca de narrativas com protagonismo afrodescendente. Na primeira seção, será observado como a interação entre opressões de raça, classe e gênero se apresenta nos contos “Ana Davenga”, “Zaíta Esqueceu de Guardar os Brinquedos” e “Os Amores de Kimbá”. Na segunda seção, As violências simultâneas que a mulher negra pode sofrer serão analisadas nas narrativas “Maria”, “Quantos Filhos Natalina Teve?” e “Beijo na Face”.

#### 3.1 INTERSECÇÃO ENTRE RAÇA, CLASSE E GÊNERO EM “ANA DAVENGA”, “ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS” E “OS AMORES DE KIMBÁ”

Segundo Stuart Hall (2016, p. 90) o poder, na concepção foucaultiana, não é monopolizado por um centro: “isso sugere que todos, em algum grau, são pegos em circulação: oprimidos e opressores”. Essa perspectiva sobre poder dialoga com o discurso interseccional presente nos contos “Ana Davenga”, “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” e “Os Amores de Kimbá”, tendo em vista que não é perceptível hierarquia de opressão nas narrativas, mas uma interação dinâmica entre as violências que atingem os personagens e as violências que eles reproduzem.

No conto “Ana Davenga”, o personagem Davenga representa a condição do homem negro, de classe social baixa, uma vez que, além de estar envolvido e inserido em uma realidade cotidiana violenta, é culpabilizado por atos que não cometeu, devido ao racismo que atravessa:

Naqueles dias, ele andava com temor no peito. Era preciso cuidado. Os homens estavam atrás dele. Tinha havido um assalto a um banco e o caixa descrevera alguém parecido com ele. A polícia já tinha subido o morro e entrado em seu barraco várias vezes. O pior é que ele não estava metido naquela merda. Seria burro de assaltar um banco ali mesmo no bairro, tão perto dele? Fazia os seus serviços mais longe, e além do mais não gostava de assaltos a bancos. Já até participara de alguns, mas achava o servicinho sem graça. Não dava tempo de ver as feições das vítimas. O que ele gostava mesmo era de ver o medo, o temor, o pavor nas feições e modos das pessoas [...]. (EVARISTO, 2014, p. 15-16)

É notável que Davenga faz pessoas de vítimas ao mesmo tempo que é vítima do racismo e das desigualdades de classe. O personagem justifica alguns de seus crimes alegando que lhe dá prazer roubar aqueles que detêm todo o conforto enquanto ele luta contra a pobreza: “quanto mais forte o sujeito, melhor. Adorava ver os chefões, os mandachuvas se cagando de medo, feito aquele deputado que ele assaltou um dia” (EVARISTO, 2014, p. 16).

Contudo, a condição social de Davenga não explica o feminicídio que cometeu:

Um dia ele se encheu. Propôs que ela subisse o morro e ficasse com ele. Corresse com ele todos os perigos. Deixasse a Bíblia, deixasse tudo. Maria Agonia reagiu. Vê só se ela, crente, filha de pastor, instruída, iria deixar tudo e morar com um marginal, com um bandido? Davenga se revoltou. Ah! Então era isso? Só prazer? Só o gostoso? Só aquilo na cama? Saiu dali era novamente a Bíblia? Mandou que a mulher se vestisse. Ela ainda se negou. Estava querendo mais. Estava precisando do prazer que ele, só ele, era capaz de dar. Saíram juntos do motel, a certa altura, como sempre, ele desceu do carro e caminhou sozinho. Não havia de ser nada. Tinha alguém que faria o serviço para ele. Dias depois, a seguinte manchete aparecia nos jornais: “Filha de pastor apareceu nua e toda perfurada de balas. Tinha ao lado do corpo uma Bíblia”. (EVARISTO, 2014, p. 18)

Diferentemente dos crimes cometidos contra “chefões”, o feminicídio contra Maria Agonia não pode ser justificado com a desigualdade social. Dessa forma, a ideologia patriarcal que atravessa esse personagem negro do gênero masculino o torna tão opressor quanto os que o oprimem, uma vez que “qualquer misógino teria condições de violentar uma mulher, branca ou negra, rica ou pobre, que cruzasse o espaço” (AKOTIRENE, 2019, p. 27).

É notável, então, que em “Ana Davenga”, Evaristo apresenta realidades opressivas e não uma realidade somente, se contrapondo à perspectiva universalista de que existe, por exemplo, luta feminista e não lutas feministas. Os sentidos também são atribuídos de maneira estratégica aos nomes dos (as) personagens (Ana - Davenga, Maria-Agonia) e a linguagem verbal cuidadosamente descrita, produzindo efeitos de sentidos que oferecem ao leitor a possibilidade de compreender a complexidade das relações opressivas: uma mulher negra cativa a um homem negro misógeno, e ambos de condição social desfavorecida. Maria Agonia, mulher de classe social favorecida, tão vítima quanto Ana da desigualdade de gênero.

Em “Zaíta Esqueceu de Guardar os Brinquedos”, a mãe da personagem Zaíta, Benícia, reflete opressões de gênero e classe que atravessam mulheres localizadas em lugares desfavorecidos. De maneira análoga, Benícia, as gêmeas e os dois filhos mais velhos, são vulneráveis às condições que as desigualdades sociais e de gênero lhes impõem, uma vez que, abandonados pelos pais, homens e mulheres sofrem as consequências da negligência do abandono paterno:

O pai dele e do irmão mais velho gastava seu pouco tempo de vida comendo poeira de tijolos, areia, cimento e cal nas construções civis. O pai das gêmeas, que durante anos morou com sua mãe, trabalhava muito e nunca trazia o bolso cheio [...] A mãe de Zaíta, às vezes, chegava a pensar que o segundo filho tinha razão. Vinha a vontade de aceitar o dinheiro que ele oferecia sempre, mas não queria compactuar com a escolha dele. Orgulhosamente, não aceitava que ele contribuísse com nada em casa. Estava, porém, chegando à conclusão de que trabalho como o dela não resolvia nada. Mas o que fazer? Se parasse, a fome viria mais rápida e voraz ainda. (EVARISTO, 2014, p. 78-79)

Os verbos “gastava”, “morou” e “trabalhava”, conjugados no pretérito do indicativo, indicam que as responsabilidades de pai foram deixadas para a mãe. Benícia envolvida pelo cansaço diário acaba reproduzindo a prática do ensinar com ameaças de violência ou até mesmo com atos de violência em si, tornando o lar um lugar também inseguro para Zaíta e Naíta: “A menina se lembrou da mãe e da raiva que ela devia estar. Ia apanhar muito quando voltasse” (EVARISTO, 2014, p. 78).

O medo que Benícia sentia do filho mais novo cometer algum ato violento contra ela ou as irmãs gêmeas denota as desvantagens das desigualdades de gênero que atingem todas as mulheres, ainda que em condições diferentes: “Benícia recomendou então o silêncio. Que não perguntassem nada ao irmão. Zaíta percebeu que a voz da mãe tremia um pouco. De noite, julgou ouvir alguns estampidos de bala ali por perto” (EVARISTO, 2014, p. 77). Desse modo, o filho de Benícia é vítima de desigualdades e ao mesmo tempo reprodutor delas.

Além disso, a simbologia do termo “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” indica a criticidade de Evaristo acerca da desvalorização da vida, principalmente daqueles que, analogamente a seus personagens, habitam em lugares violentos e marginalizados pelo sistema. Nessa narrativa, são apresentadas crianças, jovens e mulheres que sofrem as consequências das desigualdades sociais e de gênero cotidianamente.

Em “Os Amores de Kimbá”, a condição social de Gustavo coloca Kimbá em situação desfavorável e de submissão devido à condição social de Kimbá, que mora numa favela em condições precárias:

Estava cansado do dia a dia no supermercado e da noite a noite com Beth e o amigo. Não aguentava mais. Ou era o amigo ou era Beth. Eles lhe dariam tudo, caso ele quisesse. Tanto um como o outro já lhe haviam feito a proposta, para que ele deixasse de trabalhar e fosse morar em casas deles. Era tentador. Deixar a favela. Deixar a miséria. Deixar a família. (EVARISTO, 2014, p. 98)

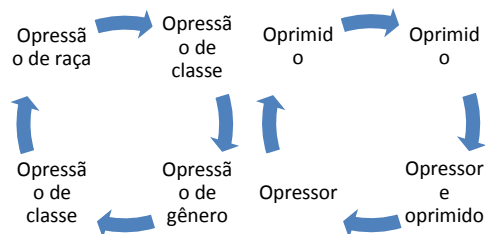
Beth, suposta prima de Gustavo que veio do exterior e conheceu Kimbá através da amizade entre os rapazes, é uma personagem importante para o desenvolvimento da narrativa. Gustavo e Beth, sem o conhecimento de Kimbá, fizeram o acordo de não se apaixonar pelo garoto, mas ambos não cumpriram. Kimbá, que gostava da amizade de Beth e Gustavo, principalmente porque através deles ele conheceu a possibilidade de sair de uma realidade precária na favela, se encontrou numa situação angustiante de não saber como agradar os amigos sem desagradar a si, uma vez que pretendia se relacionar sexualmente apenas com Beth: não suportava pensar nele deitado recebendo e dando carinhos a alguém que não fosse ela. E o pior é que ele, que antes ficava tão sem jeito na situação, agora parecia transitar, viver, fazer amor naturalmente com os dois (EVARISTO, 2014, 98).

Nota-se, dessa forma, que a intersecção entre gênero e classe, representada na relação fictícia de Kimbá, Gustavo e Beth, denota que o homem de classe social desfavorecida está vulnerável tanto à condição do homem de classe favorecida quanto à da mulher.

Assim como a realidade de Ana Davenga, Benícia e os filhos, a realidade de Kimbá comove. Essa comoção pode ocorrer em decorrência da clareza com que as palavras escolhidas pela autora significam: “Detestava a pobreza, a falta de conforto, a fossa exalando o cheiro de merda” (EVARISTO, 2014, p. 95). É perceptível nesse trecho que a autora não utiliza eufemismos, provavelmente por não haver pretensão de romantizar a realidade de quem habita no cotidiano violento e sem saneamento básico de lugares marginalizados.

Assim, as estratégias linguístico-discursivas das narrativas analisadas podem ser percebidas na maneira como a representação da realidade, perpassada pela perspectiva de Evaristo, produz sentido. As discussões levantadas nas narrativas “Ana Davenga”, “Zaíta Esqueceu de Guardar os Brinquedos” e “Os Amores de Kimbá” representam as diversas experiências de opressão que as minorias podem sofrer, posto que estão inseridas num sistema heterogêneo, o qual possibilita indivíduos terem experiências opressivas diferentes mesmo fazendo parte de um mesmo grupo social.

Esquema representativo dos contos analisados:



Davenga, oprimido pela desigualdade racial e de classe → Reprodutor da opressão de gênero. Benícia, as filhas gêmeas e os filhos mais velhos, oprimidos pela desigualdade de gênero ← → Filho mais novo de Benícia opressor de gênero. Gustavo e Beth, reprodutores da opressão de classe em relação à vulnerabilidade socioeconômica de Kimbá.

### 3.2 A MULHER NEGRA INTERSECCIONADA POR VIOLÊNCIAS SIMULTÂNEAS NOS CONTOS “MARIA”, “QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?” E “BEIJO NA FACE”

De acordo com Stephanie Ribeiro, os discursos feministas negro da interseccionalidade e do lugar de fala nascem da resistência a um recorte político que coloca os indivíduos como universais, privilegiando a mulher branca como única sujeita realmente contemplada quando

não existe uma mulher, mas mulheres (RIBEIRO *apud* HOLLANDA, 2018, p. 263). A autora afirma ainda que o racismo deu a algumas mulheres o poder de apagar da história a importância de mulheres negras para a luta feminista, de silenciar as narrativas não brancas:

Muitos dirão que não existiram não brancas na luta pelo sufrágio, apagando a participação de mulheres asiáticas e negras, que já naquela época eram triplamente oprimidas por questões de raça, classe e gênero e estiveram muitas vezes na linha de frente dessa luta. Foram, inclusive, vítimas do racismo das próprias “companheiras” brancas. (RIBEIRO *apud* HOLLANDA, 2018, p. 265)

Em vista disso, Conceição Evaristo constrói narrativas como “Maria”, “Quantos Filhos Natalina Teve?” e “Beijo na Face”, para evidenciar, consensualmente a Stephanie Ribeiro, que “cada sujeito parte de um lugar de fala diferente, uma demarcação política da identificação de cada um. Assim, se busca estabelecer que nenhuma narrativa é universal” (RIBEIRO *apud* HOLLANDA, 2018, p. 262).

No trecho que segue, é possível notar que a personagem Maria presta serviços domésticos a outra mulher, da qual ela recebe alguns restos de comida e uma gorjeta como forma de pagamento:

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. [...] A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida. (EVARISTO, 2014, p. 41-42)

A patroa de Maria pratica a desigualdade social e de gênero ao mantê-la em situação de trabalho precária, reforçando a perspectiva da desvalorização dos serviços domésticos que são praticados geralmente por mulheres, mas pouco valorizados socioeconomicamente.

A seguir, vê-se um trecho em que Maria se sente culpada pelo abandono paterno do seu ex-companheiro:

Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoo. Da barriga enorme que todos diziam de gêmeos, e da alegria dele. Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho [...] E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. (EVARISTO, 2014, p. 42)

A culpa sentida por Maria denuncia a submissão da mulher em relação ao homem, o qual é favorecido por ideologias que colocam o gênero feminino em situação de desigualdade em relação ao gênero masculino. O fato de Maria ter dois filhos, além do fruto do primeiro casamento, pesa mais do que a atitude de abandono do pai que a deixou grávida com responsabilidades que deveriam ser partilhadas.

A desigualdade de gênero se apresenta, ainda, nos xingamentos sexistas destinados a Maria, a qual é culpabilizada por ações que não são dela, mas do ex-companheiro: “alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto” (EVARISTO, 2014, p. 43).

Num outro trecho, se nota que Maria é vítima de xingamentos racistas e machistas simultaneamente:

Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembavam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. (EVARISTO, 2014, p. 44)

A violência sofrida por Maria, nessa passagem do conto, parte de um homem negro, sendo possível inferir que a mulher negra é oprimida por opressores machistas e racistas que também são desfavorecidos pela desigualdade racial. Desse modo, assim como mulheres alimentam o sistema opressor de gênero e classe, homens negros também contribuem para a manutenção do preconceito racial.

Os xingamentos racistas que a personagem Maria sofre indicam, ainda, um olhar de Evaristo contrário à ideia de harmonia racial, uma oposição ao que se pode perceber em literaturas que apresentam o colonizador como amigo do colonizado. Como herança desses discursos reducionistas, a autora mostra um racismo estrutural representado na figura de personagens como o garoto negro que comete racismo contra Maria.

A narrativa “Maria” mostra, portanto, como a mulher negra pode ser afetada triplamente pelo sistema opressor, sendo vítima não somente de ideologias que contribuem para a desigualdade de gênero, mas também para a desigualdade de classe e raça.

Semelhante à personagem Maria, Natalina sofre opressão de gênero, se sentindo culpada e responsável por situações em que o homem não é responsabilizado: “ela estava com ódio e vergonha. Bilico nunca mais brincaria com ela. Ele não ia querer uma menina que estivesse esperando um filho” (EVARISTO, 2014, p. 46).

É perceptível, também, na figura da personagem Natalina, que a mulher negra, em certos contextos, se encontra em situação de submissão, sendo afetada pela intersecção de desigualdades, uma vez que exerce função de empregada doméstica de outra mulher que reproduz racismo e machismo tal qual o patrão:

A patroa de Natalina passou a viajar sozinha. O patrão ficava no quarto dele, de noite levantava e ia buscar Natalina no quarto de empregada. Não falavam nada naqueles encontros de prazer comedido. Cada vez que a patroa voltava, trazia em si o desejo de gravidez no olhar [...]. (EVARISTO, 2014, p. 29)

Apesar de Natalina aceitar a proposta de gerar um filho para os patrões, é a vulnerabilidade socioeconômica da personagem, mulher negra e empregada doméstica, que a coloca numa posição favorável ao atendimento de um desejo que não era dela, mas dos patrões que detêm certo poder sobre as decisões da personagem.

Isso é notável, sobretudo, na passagem a seguir, em que o sentimento de dívida imposto a Natalina tem relação com a intersecção entre gênero e classe que atravessa as experiências da personagem:

A quarta gravidez de Natalina não lhe deixava em dívida com pessoa alguma. Não devia o prazer da descoberta ao iniciar-se mulher, como tinha sido nos encontros com Bilico. Não devia nada, como na segunda barriga, quando ficou devedora diante da inteireza de Tonho, que se depositava pleno sobre ela, esperando que ela fosse viver com ele dias contínuos de um casal que acredita ser feliz. Não era devedora de nada, como na terceira, ao se condoer de uma mulher que almejava sentir o útero se abrir em movimento de flor-criança. Doou sua fertilidade para que a outra pudesse inventar uma criação, e se tornou depositária de um filho alheio. (EVARISTO, 2014, p. 50-51)

Na passagem que segue, Natalina é vítima da desigualdade de gênero mais uma vez, ao ser cobrada em nome de um suposto irmão. Como em “Maria”, novamente uma personagem negra é culpabilizada em nome de uma dívida masculina:

Um trajeto que não pôde ver, pois tinha os olhos vendados pelos homens que chegaram de repente ao seu barraco e a dominaram com força, perguntando-lhe pelo seu irmão. Ela não sabia o que responder. Não tinha irmão algum. Saíra de casa anos atrás, deixara a mãe, o pai e as seis irmãs. Os homens insistiam. Berravam dizendo que era pior e que não adiantava nada ela não dizer a verdade. De vez em quando, o que estava sentado no banco de trás com ela, fazia-lhe um carinho nas pernas. (EVARISTO, 2014, p. 51)

Até mesmo quando são vítimas da violência sexual, sobretudo em situação de vulnerabilidade racial e socioeconômica, mulheres como a personagem Natalina se sentem desprotegidas e desencorajadas a recorrer à justiça: “Ela tremia, seu corpo, sua cabeça estavam como se fossem arrebetar de dor [...] Guardou tudo só pra ela. A quem dizer?” (EVARISTO, 2014, p. 52). Em vista disso, Akotirene (2019, p. 40) afirma que “as queixas das mulheres

negras sofrem estigmatização pelos aparelhos do Estado, devido às mulheres negras serem moradoras de espaços considerados perigosos, identificados como pontos de tráfico de drogas pelas mídias televisivas”.

Ademais, o sentimento de dívida da personagem Natalina em relação aos patrões e aos pais dos primeiros filhos representa o olhar crítico de Evaristo acerca da manutenção de ideias e práticas coloniais que podem colocar a mulher negra nesse cruzamento de opressões racistas, socioeconômicas e de gênero. São posicionamentos como os da autora, ainda que através de textos fictícios, que fomentam o antagonismo discursivo entre o pensamento interseccional e o pensamento universalista.

É notável, em “Beijo na Face”, que Salinda, apesar da independência financeira, não está isenta da opressão de gênero devido à desigualdade que a atravessa:

A mulher ou homem que estivesse assentado ao seu lado no ônibus poderia ser o detetive particular que o seu marido tinha contratado para segui-la [...] Além da ida ao trabalho, Salinda não podia sair só. Os filhos, sem saber, tinham sido transformados em vigias da mãe [...] aos poucos, as ameaças feitas pelo marido, as mais diversificadas e cruéis, foram surgindo. Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a. (EVARISTO, 2014, p. 56-57)

Vê-se nessa narrativa, também, que os filhos, independentemente do sexo, são afetados pela desigualdade de gênero: “quando qualquer desconfiança acontecia, o marido aplicava as suas táticas interrogativas [...] Inocentemente narravam tudo, felizes por estarem conversando com o pai” (EVARISTO, 2014, p. 60).

O encontro de duas mulheres nessa narrativa não só representa a diversidade de orientações sexuais, mas a cumplicidade feminina e a resiliência diante da opressão de gênero:

Tentando se equilibrar sobre a dor e o susto, Salinda contemplou-se no espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma. E, no lugar de sua face, viu a da outra. Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. (EVARISTO, 2014, p. 61-62)

“Beijo na Face”, dessa forma, simboliza o encontro de duas mulheres que se entendem afetivamente, além de se identificarem por traços físicos e experiências que, ainda que de forma diferente, as atravessam, como a desigualdade de gênero. Salinda, como a narrativa aponta, tem a liberdade reprimida pelo medo de perder os filhos, mas também encontra na face de outra mulher a coragem para se libertar da violência machista.

Salinda, Maria e Natalina são mulheres negras afetadas pelas desigualdades de classe e gênero que simbolizam e reforçam as perspectivas de autoras negras como Angela Davis (2016), a qual acredita não ser possível lutar apenas pelo fim da desigualdade de gênero, pois a mulher negra é interseccionada por outras opressões, geralmente de forma simultânea. Nessa ótica, Evaristo reforça o discurso interseccional, por meio de ficções, como as analisadas neste tópico, ao mostrar como a mulher negra é prejudicada pela interação mútua entre racismo, machismo e desigualdade de classe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interseccionalidade se apresenta em *Olhos D'água* como oposição a discursos de caráter universalista, apontando que as interações opressoras não são lineares ou homogêneas. O sistema de opressões tem como ponto de intersecção a opressão, o que torna possível violências serem efetuadas tanto por opressores quanto por oprimidos. Dessa maneira, sem romantizar a realidade, Conceição Evaristo constrói narrativas em que, independente da raça, da classe e do gênero, as opressões se revelam nas falas e ações dos personagens ou na naturalização de experiências violentas.

Os contos “Ana Davenga”, “Zaíta Esqueceu de Guardar os Brinquedos” e “Os Amores de Kimbá” desmistificam a perspectiva hierárquica sobre opressões, mostrando que as violências são relacionais dentro de uma estrutura social onde personagens fazem vítimas e também são vítimas desse sistema opressor. Como Davenga, oprimido pela desigualdade racial e de classe, há outros personagens da ficção ou não que sofrem essas violências do mesmo modo que contribuem para a opressão de gênero. Além disso, como se nota em “Os amores de Kimbá”, homens e mulheres sustentam a opressão de classe.

O racismo que atravessa experiências de personagens negras como Maria, vítima de xingamentos racistas de um personagem negro, reforça teorias que apontam ser contraditória a ideia de harmonia racial. Esse diálogo entre realidade e ficção é criado por Evaristo por meio de narrativas que retratam as desigualdades e os desafios enfrentados pela diáspora na sociedade brasileira como resultado da manutenção de ideologias e práticas coloniais que sustentam a hierarquia e as relações de poder.

Desse modo, o discurso feminista negro, presente nas ficções de *Olhos D'água*, denota a importância do lugar de fala, se opondo a perspectivas universalistas que hierarquizam opressões e unificam experiências. As opressões de raça, classe e gênero, identificadas em “Maria”, “Quantos Filhos Natalina Teve?” e “Beijo na Face”, evidenciam que a entidade feminina é plural, não sendo possível limitar a luta feminista a resistência de opressão de gênero, uma vez que as mulheres negras podem ser violentadas também pela desigualdade de classe e raça, muitas vezes de forma simultânea, como simbolizam as vivências das personagens Maria, Natalina e Salinda.

Logo, o discurso de base metodológica interseccional recorrente nos contos “Ana Davenga”, “Zaíta Esqueceu de Guardar os Brinquedos”, “Os Amores de Kimbá”, “Maria”, “Quantos Filhos Natalina Teve?” e “Beijo na Face” representa a heterogeneidade das experiências e entidades e a complexidade da interação entre as estruturas opressivas da

sociedade, transparecendo quais são as pessoas afetadas por esse sistema: homens negros machistas vítimas do racismo e ao mesmo tempo racistas; homens brancos homossexuais e mulheres reprodutores da desigualdade de classe; mulheres de classe social favorecida vítimas do patriarcado e opressoras de mulheres negras; mulheres negras e homens negros perpassados pelas desigualdades de gênero, classe e raça.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. 2019.
- ALEMÃO, Suelen Tavares. RODRIGUES, Adriana Cristina Aguiar. **Espaços de Disputas em Olhos D'água**. Revista Decifrar, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 127–146, 2018.
- BAIOCO, Bárbara Duarte; VAGO, Bittencourt Pazinato. **Intersecção entre violência de gênero, raça e classe em “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos”, de Conceição Evaristo**. Monografia (Graduação) - Curso Superior de Licenciatura em Letras-Português, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.
- CRUZ, Jocelane Fernanda. **A interseccionalidade nos contos de Olhos D'água, de Conceição Evaristo**. Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde, 2020.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, Gilles. **Sociedades de Controle**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio. Rio de Janeiro, 1996.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Trad. Graciano Barbachan. São Paulo: Coletivo Sabotagem, 2004.
- GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: 34 ed; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro- Asiáticos, 2001.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora da PUC, 2016.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- LAVEZZO, Lana Jakobson. OLIVEIRA, Eloisa da Rosa. **O Tempo Amortecido No Coração do Tempo: análise das violências simbólicas e do sujeito do desempenho no conto O Cooper**

de Cida, de Conceição Evaristo. Revista Linguagem, Ensino e Educação, Criciúma, v. 5, n. 2, 2020.

NASCIMENTO, Tássia. **O conto Ayoluwa, a alegria de nosso povo, enquanto representação da poética negra.** Revista Estação Literária, Vagão-volume 04, p.p.86-93, 2009.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves. **A gente combinamos de não morrer: necropolítica e produção artística.** Conceição/Conception, [S. l.], v. 9, 2020.

PASSOS, Leandro. **Lumbiá: o Deus-menino erê, de Conceição Evaristo.** Revista Letras, Curitiba, v. 22, n. 38, p. 52-67, set. 2020.

PINTO, Jorge Alves. LIEBIG, Sueli Meira. **Identidades, Espaços e Afetos em Os Amores de Kimbá, de Conceição Evaristo.** Anais do I Seminário Nacional do Grupo de Estudos de Literatura e Crítica Contemporâneas... Campina Grande: Realize Editora, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Cartas para Minha Avó.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).

ROCHA, Maria Souza. et. al. **O Drama da Mulher Negra e Homossexual No Conto Beijo Na Face, de Conceição Evaristo.** Revista Conexão na Amazônia, v. 3, n. 2, 2022.

SCHWARCZ, Lilia. Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira.** São Paulo: Claro Enigma, 2012.

TIBURI, Marcia. **Como conversar com um fascista: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro.** Rio de Janeiro: Record, 2015.

TONDO, Marlei Castro. **A violência contra as personagens femininas nos contos de Olhos d'água, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.